
CARACTERIZAÇÃO DO CONTRA-ATAQUE DO CAMPEÃO INGLÊS DE FUTEBOL 2019/20João Pedro Caetano Sartori¹, João Antônio Volpini de Barros¹, Márcio Pereira Morato¹**RESUMO**

O contra-ataque é um método de ataque que visa explorar a vulnerabilidade defensiva do adversário no momento de transição ofensiva. Acredita-se ainda na interferência das variáveis contextuais como possíveis condicionadores dos comportamentos esportivos (Marcelino, Sampaio, Mesquita, 2011). O objetivo do estudo foi caracterizar o contra-ataque de uma equipe de futebol, verificar sua eficácia e a sua incidência, referente ao local do jogo, ao tempo de jogo e ao resultado momentâneo do jogo. A amostra foi composta por 143 contra-ataques de 12 jogos da English Premier League 2019/20, correspondendo a seis jogos em "casa" e seis jogos "fora". O estudo foi realizado através de uma análise sistemática objetiva e não participante. Utilizou-se o programa estatístico SPSS IBM versão 20 para realização do teste Qui-quadrado, com nível de significância fixado em $p < 0,05$. Os resultados indicam que a equipe inicia o contra-ataque nas zonas centrais do campo, sobretudo nos setores defensivos, com "Pressão constante e recuperação no campo defensivo" a partir de interceptação, realiza o primeiro passe para frente, com 0 a 3 jogadores a frente do primeiro portador, troca até 2 passes, com envolvimento de até 2 jogadores, não ocupa os três corredores do campo e entra no setor ofensivo pelo corredor central, com tendência a perder a bola sem finalizar ao gol do adversário. Ademais, a incidência de ações não se modificou quanto ao local de jogo e tempo de jogo, mas foi diferente quanto ao resultado momentâneo.

Palavras-chave: Futebol. Análise de jogo. Variáveis contextuais.

ABSTRACT

Characterization of the 2019/20 english football champion's counterattack

The counterattack is an attack method that aims to exploit the opponent's defensive vulnerability now of offensive transition. It is also believed in the interference of contextual variables as possible conditioners of sports behaviors (Marcelino, Sampaio, Mesquita, 2011). The objective of the study was to characterize the counterattack of a soccer team, verify its effectiveness and its incidence regarding the place of the game, the game time, and the momentary result of the game. The sample consisted of 143 counterattacks from 12 games of the English Premier League 2019/20, corresponding to six "home" games and six "away" games. The study was carried out through an objective and non-participant systematic analysis. The SPSS IBM version 20 statistical program was used to perform the chi-square test, with a significance level set at $p < 0,05$. The results indicate that the team starts the counterattack in the central areas of the field, especially in the defensive sectors, with "Constant pressure and recovery in the defensive field" from interception, performs the first forward pass, with 0 to 3 players to in front of the first carrier, exchanges up to 2 passes, involving up to 2 players, does not occupy the three aisles of the field and enters the offensive sector through the central aisle, with a tendency to lose the ball without finishing the opponent's goal. Furthermore, the incidence of actions did not change in terms of game location and game time but was different in terms of the match status.

Key words: Football. Match analysis. Contextual variables.

1 - Universidade de São Paulo, Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Laboratório de Pedagogia do Esporte, Esporte Paralímpico e Análise do jogo, Ribeirão Preto-SP, Brasil.

E-mail dos autores:
jpsartori@usp.br
joao.a.volpini@gmail.com
mpmorato@usp.br

INTRODUÇÃO

O futebol figura como um Jogo Esportivo Coletivo de Invasão (JECI). Caracteriza-se, fundamentalmente, pelo confronto entre duas equipes numa relação de cooperação e oposição, com objetivo de ter a bola para atacar a meta adversária e, quando não tiver a bola, defender sua meta e buscar recuperá-la (Garganta, 1998; González, Darido, Oliveira, 2017).

O jogo de futebol pode ser dividido em duas fases, compreendidas por ataque e defesa, de forma que uma equipe está em fase ofensiva quando possui a posse de bola e em fase defensiva quando não a possui (Bayer, 1994).

Há ainda entre essas diferentes fases, dois momentos de curto espaço de tempo, chamados de transição.

A transição pode ser tanto ofensiva, quando se recupera a posse de bola, caracterizada pelos comportamentos dos jogadores e da equipe no momento imediato após a recuperação; quanto defensiva, quando se perde a posse de bola, caracterizada pelo conjunto de comportamentos individuais e coletivos adotados nos instantes após a perda da bola (Garganta e colaboradores, 2015).

Os momentos de transição apresentam grande vulnerabilidade para as equipes que perdem a posse de bola devido a probabilidade de desequilíbrios em seus sistemas funcionais, o que pode ser usado de forma benéfica para a equipe que está a atacar.

Tal vulnerabilidade pode ser relacionada com a troca repentina e brusca de atitude mental (ao perder a bola, a atitude comportamental referente ao ataque deve ser rapidamente deixada de lado, assumindo uma atitude defensiva); e em relação a distribuição espacial dos jogadores em campo, visto que ao atacar as equipes se espalham pelo terreno, dificultando uma rápida reorganização defensiva (Amieiro, 2004; Clemente e colaboradores, 2014; Garganta, Pinto, 1998; Sarmiento e colaboradores, 2014).

A equipe que recupera a posse da bola e se encontra em transição ofensiva, pode optar por diferentes métodos para controlar a bola, gerir o tempo e o espaço.

O método de ataque mais vinculada a esse momento do jogo é o contra-ataque, caracterizado pela intenção de se chegar

rapidamente à baliza adversária após a recuperação da bola sem que o oponente tenha tempo para se organizar defensivamente, com poucos passes trocados, priorizando alta velocidade de circulação da bola, sobretudo em profundidade e com passes longos (Garganta, 1997; Leitão, 2004).

Importa destacar que todo contra-ataque ocorre em transição ofensiva, mas nem toda transição ofensiva é um contra-ataque (Thiengo, 2020).

Gimenes e colaboradores (2013) indicaram que os contra-ataques na Copa do Mundo de Futebol de 2006 tiveram início principalmente pelo corredor central do campo após uma interceptação da bola, com troca de 3 passes entre os jogadores e duração entre 7 e 9 segundos.

Outros trabalhos também focaram no número de passes trocados e na duração das sequências ofensivas realizadas com esse método, identificando pouca probabilidade de se chegar ao gol a partir de posses com mais de 4 passes realizados.

Quanto ao tempo do contra-ataque, há indícios de que ele não influenciaria no resultado da ação, por outro lado, há achados que indicam que o aumento de 1 segundo de duração das sequências ofensivas e a realização de um passe extra resultaram no decréscimo de 2% e 7%, respectivamente, na probabilidade de obter resultado positivo na finalização (Fernández-Navarro e colaboradores, 2018; Sarmiento e colaboradores, 2018; Turner, Sayers, 2010).

Por fim, Barreira e Garganta (2006) identificaram que ataques terminados em transição (contra-ataque), proporcionam maior probabilidade de marcar gols.

Apesar da vasta gama de estudos acerca dos contra-ataques, eles se concentram na análise de restritas variáveis, tal qual o número de passes e o tempo da ação. No entanto, importa ainda avaliar o efeito das variáveis contextuais.

Uma vez que as variáveis contextuais são importantes para a compreensão do jogo (McGarry, 2009), surge exigências de que o estudo dos comportamentos dos jogadores e equipes seja interpretado diante do contexto que ocorrem, contemplando variáveis situacionais como possíveis condicionadores dos comportamentos esportivos, sendo a qualidade de oposição, o match status

(resultado momentâneo) e o local de prova (local de jogo) as mais relevantes (Marcelino, Sampaio, Mesquita, 2011).

Dessa forma, considerar o contexto no qual os comportamentos esportivos são produzidos e, especificamente neste estudo, sua influência no contra-ataque, se mostra de grande valia.

Visto a imprevisibilidade e importância dos momentos de transição entre as diferentes fases, sobretudo da transição ofensiva por oportunizar a marcação de gols, e a necessidade de considerar as variáveis contextuais para o entendimento do jogo, este estudo objetivou caracterizar o contra-ataque de uma equipe de futebol, verificar sua eficácia e a sua incidência referente ao local do jogo, ao tempo de jogo e ao resultado momentâneo do jogo.

Além disso, buscou-se identificar a importância do contra-ataque para o resultado das partidas analisadas.

MATERIAIS E MÉTODOS

A amostra foi composta por 143 contra-ataques de 12 jogos da equipe campeã da English Premier League 2019/20 masculina, correspondendo a seis jogos em “casa” e seis jogos “fora”.

Os jogos foram obtidos através da gravação de transmissões de sites com política de acesso/domínio público.

O presente estudo refere-se a um projeto de pesquisa do Grupo de Estudos e Pesquisa em Análise de Jogo (GEPAJ) e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa para Seres Humanos da Escola de Educação Física e Esporte, Ribeirão Preto, Brasil, segundo parecer 2.095.778 de abril do ano de 2017.

O estudo foi realizado através de uma análise sistemática objetiva e não participante (Anguera, 2000; Anguera, Mendo, 2013; Wright, Carling, Collins, 2014).

Para que todos os objetivos do estudo fossem contemplados e, a fim de garantir que todos os indicadores da análise fossem considerados, um estudo piloto foi realizado.

A partir disso, um protocolo de observação foi obtido e os jogos analisados com auxílio de um painel de observação elaborado com macros no software Excel,

sendo todas as ações de contra-ataque registradas em uma planilha ad hoc.

O protocolo de observação foi baseado no início, no desenvolvimento e no fim do contra-ataque, sendo considerados para o presente trabalho apenas as ações ofensivas que iniciaram e terminaram com esse método de ataque.

Considerou-se que uma ação ofensiva iniciou e terminou em contra-ataque quando, desde o momento de recuperação da posse, seja no campo defensivo ou ofensivo, até sua perda ou obtenção de gol: a) a equipe adversária estava desorganizada defensivamente, com apenas metade ou menos de seus jogadores de linha atrás da linha da bola; b) quando a equipe em posse da bola não realiza três ou mais passes para trás da linha da bola; e c) quando o jogador com posse não realiza três ou mais contatos consecutivos com a bola em direção ao próprio gol.

A análise contou com a notação das seguintes variáveis contextuais: a) local do jogo, classificado em “casa” e “fora”; b) tempo de jogo, dividido em seis períodos de 15 minutos cada (três no primeiro tempo de jogo e três no segundo); e c) resultado momentâneo, referente ao resultado da partida no momento da ação, classificado em empatando, vencendo por um, dois ou três ou mais gols de diferença e perdendo por um, dois ou três ou mais gols de diferença.

O critério para determinar o início do contra-ataque foi baseado no momento da recuperação da posse de bola, sendo essa considerada quando qualquer jogador de determinada equipe respeita, pelo menos, uma das seguintes situações: (a) realiza pelo menos três contatos consecutivos com a bola; (b) executa um passe positivo que permite manter a posse de bola; (c) realiza uma finalização (Garganta, 1997).

Além disso, foi considerado que apenas recuperações de bola de forma direta, isto é, sem que a bola saia do campo de jogo.

Os indicadores de performance considerados para o início do contra-ataque foram: a) local de início, dividindo o campo em quatro setores (defensivo, médio defensivo, médio ofensivo e ofensivo), três corredores (lateral esquerdo, central e lateral direito) e 12 zonas; b) ação de início (Tabela 1); e c) estratégia de recuperação (Tabela 2).

Tabela 1 - Descrição das ações de início e fim dos contra-ataques.

Indicadores de performance	Início/Fim	Descrição
Ataques finalizados		
Defesa do goleiro	I/F	Defesa realizada pelo goleiro de uma equipe, impedindo a anotação do gol. Quando ocorria o desvio (ou bloqueio) mas a bola continuava em direção ao alvo, com intervenção do goleiro, foi marcado Defesa do goleiro e não Bloqueio
Fora	F	Finalização que não atinge qualquer parte do alvo e na qual a bola atravessa completamente a linha do fundo do campo.
Gol	F	Bola que passa completamente a linha da baliza.
Trave	I/F	Finalização que atinge a trave e não ocorre gol. Quando ocorria o desvio (ou bloqueio) mas a bola continuava em direção ao alvo, atingindo a trave, foi marcado Trave e não Bloqueio.
Ataques não finalizados		
Bloqueio	I/F	Finalização que é bloqueada por um defensor (exceto o goleiro) quando a bola está com a trajetória em direção ao alvo.
Desarme	I/F	Quando o defensor tira o domínio da posse da bola do atacante de forma direta, sem que esta saia do campo de jogo.
Desarme fora	F	Quando o defensor tira o domínio da posse da bola do atacante de forma direta, mas esta sai do campo de jogo.
Erro de ataque	I/F	Caracterizam-se como erro a perda da posse da bola pela equipe atacante para o adversário, sem envolver os critérios Interceptação e Desarme. Exemplos: passes que não chegam ao destino, bolas não controladas pelo jogador de destino (possível receptor do passe).
Falta/violação de ataque	F	Interrupção da fase ofensiva pela realização de falta ou violação das regras por um jogador da equipe atacante.
Falta/violação de defesa	F	Interrupção da fase ofensiva do adversário pela realização de falta ou violação das regras por um jogador da equipe defensora, iniciando um novo ataque da equipe com posse.
Interceptação	I/F	Interrupção da trajetória da bola após o passe, realizada por um defensor entre dois jogadores atacantes; ou quando o defensor/goleiro se antecipa ao destino da bola lançada em um ponto futuro.
Interceptação Fora	F	Interrupção da trajetória da bola após o passe, realizada por um defensor entre dois jogadores atacantes; ou quando o defensor/goleiro se antecipa ao destino da bola lançada em um ponto futuro; em ambos, a bola sai do terreno de jogo.
Intervenção oficial	F	Lances como Fair Play ou influência direta da arbitragem interrompendo o jogo.

Tabela 2 - Descrição das estratégias de recuperação da posse de bola

Indicadores de performance	Sigla	Descrição
Não pressionou e recuperou	NPR	Recuperação da posse de bola no momento de transição defensiva sem pressionar o portador.
Pressionou e recuperou	PR	Recuperação da posse de bola no momento de transição defensiva com pressão ao portador.
Pressão constante e recuperação no campo ofensivo	PCRO	Recuperação da posse da bola no meio-campo ofensivo com pressão constante ao portador.
Pressão constante e recuperação no campo defensivo	PCRD	Recuperação da posse da bola no meio-campo defensivo com pressão constante ao portador.
Pressão em gatilhos e recuperação no campo ofensivo	PGRO	Recuperação da posse da bola no meio-campo ofensivo com pressão ao portador a partir de gatilhos (por exemplo, um passe direcionado à uma região lateral do campo).
Pressão em gatilhos e recuperação no campo defensivo	PGRD	Recuperação da posse da bola no meio-campo defensivo com pressão ao portador a partir de gatilhos (por exemplo, um passe direcionado à uma região lateral do campo).
Não pressionou e recuperou no campo ofensivo	NPRO	Recuperação da posse da bola no meio-campo ofensivo sem pressão ao portador.
Não pressionou e recuperou no campo defensivo	NPRD	Recuperação da posse da bola no meio-campo defensivo sem pressão ao portador.
Recuperação a partir de bola parada	RBP	Recuperação da posse da bola a partir de uma cobrança de bola parada (fragmento fixo do jogo, por exemplo, escanteio).

Nota: a pressão foi definida como uma ação defensiva de marcação incisiva e próxima ao adversário, procurando retirar dele espaço e tempo para tomar suas decisões e, assim, recuperar a bola. A pressão constante é definida como a utilização dessa abordagem durante toda a sequência defensiva até o momento de recuperação da bola; já a pressão em gatilhos é definida como a pressão ao adversário a partir de estímulos para que ela se inicie, como determinada região do campo ou um passe ruim direcionado para trás.

Quanto ao desenvolvimento da posse de bola durante o contra-ataque, considerou-se para este momento as ações realizadas após a recuperação da bola até o momento anterior ao resultado final.

Para isso, foi considerado: a) direção do primeiro passe em relação a linha da bola, definida em “passe para frente”, “passe para trás” e “Não passou” quando não houve a troca de nenhum passe; b) número de jogadores a frente do primeiro portador da bola como opção de passe, definido em “0 a 3”, “4 a 6” e “7 a 10”; c) distribuição espacial dos jogadores pelo campo de jogo em relação a ocupação dos corredores, definida em “ocupou os três

corredores” e “não ocupou os três corredores”; d) número de passes trocados durante o contra-ataque, definido em “até dois passes” e “mais que dois passes”; e) número de jogadores envolvidos diretamente no contra-ataque, definido em “um ou dois”, “três” e “quatro ou mais”; e f) entrada no setor ofensivo com a posse da bola, definido em “Entrada pelo corredor central”, “Entrada pelo corredor lateral direito”, “Entrada pelo corredor lateral esquerdo” e “Não entrou”.

O fim do contra-ataque se deu quando a equipe finalizou a gol ou quando teve a sequência ofensiva interrompida por uma ação direta do adversário sem que a bola tenha

saído do campo de jogo ou perdeu a posse da bola para o adversário ou quando houve uma infração ou saída da bola em bola parada, seja com a troca da posse ou com a manutenção dela.

Os indicadores de performance analisados para o fim do contra-ataque foram: a) local de fim, dividindo o campo em 4 setores, 3 corredores e 12 zonas; b) ação de fim (Tabela 1); e c) geração de finalização, definida em “finalizou” e “não finalizou”.

A variável do desfecho foi determinada a fim de identificar os possíveis resultados da utilização desse método de ataque. Tais possibilidades foram divididas em cinco categorias exaustivas e mutuamente excludentes: a) Contra-atacou e perdeu a bola sem finalizar; b) Contra-atacou e manteve a bola sem finalizar; c) Contra-atacou e perdeu a bola após finalizar; d) Contra-atacou e manteve a bola após finalizar; e) Contra-atacou e fez gol.

A classificação dos resultados em cinco categorias levou em consideração o risco produzido pela ação, ou seja, se gerou gol ou finalização, se possibilitou a equipe manter a posse de bola ou se levou a uma perda da posse sem ao menos finalizar ao gol adversário, oferecendo baixo risco e oportunizando um ataque ao oponente.

Por fim, foi contabilizada a frequência de contra-ataques em jogos que a equipe venceu e em jogos que foi derrotada, a fim de compreender a real influência dos contra-ataques no resultado final do jogo.

Para isso, procurou-se relativizar o número de contra-ataques por jogo de acordo com o resultado (vencedor/perdedor), além do número de gols marcados em contra-ataque em comparação com o total de gols nesses jogos e a eficácia desse método de ataque.

Após a análise de todos os jogos, utilizou-se o programa estatístico SPSS IBM versão 20 para analisar os indicadores de performance e sua incidência.

Foram realizados testes Qui-quadrado para comparar a frequência de ocorrência dos indicadores de performance com nível de significância fixado em $p < 0,05$.

RESULTADOS

A incidência de contra-ataques não apresentou diferença significativa ($X^2 (1) = 1,18$; $p = 0,277$) entre os jogos em casa ($n=78$, 55%) e fora ($n=6$, 45%).

Também não houve diferença significativa na incidência de contra-ataques em relação ao tempo de jogo ($X^2 (5) = 4,40$; $p = 0,494$).

Em relação ao resultado momentâneo, a incidência de contra-ataques apresentou diferença significativa ($X^2 (5) = 63,81$; $p < 0,001$), com maior frequência nas situações de empate ($n=46$, 32%) e de vitória por um ($n=39$, 27%) ou dois gols de diferença ($n=30$, 21%).

Quanto ao início dos contra-ataques, houve diferença significativa na estratégia de recuperação ($X^2 (6) = 47,47$; $p < 0,001$), com maior incidência de “pressão constante e recuperação no campo defensivo” ($n=43$, 30%), seguido por “recuperação a partir de bola parada” ($n=26$, 18%), “pressão em gatilhos e recuperação no campo defensivo” ($n=22$, 15%), “pressionou e recuperou” ($n=21$, 15%) e “pressão constante e recuperação no campo ofensivo” ($n=19$, 13%).

Houve diferença significativa quanto a ação de início ($X^2 (3) = 113,25$; $p < 0,001$) com maior incidência de interceptação ($n=78$, 55%) seguida pelo desarme ($n=55$, 38%).

Quanto ao local de início, a diferença foi significativa nas três variáveis observadas: maior incidência no setor médio defensivo e setor defensivo, consecutivamente; o corredor central apresentou maior registro de ações; e, por fim, as zonas 5, 2 e 8 foram, consecutivamente, as com maior número de contra-ataques iniciados (Figura 1.a).

Figura 1 - Frequência do local de início e fim dos contra-ataques por setor, corredor e zona.

Figura 1.a. Início por setor, corredor e zona

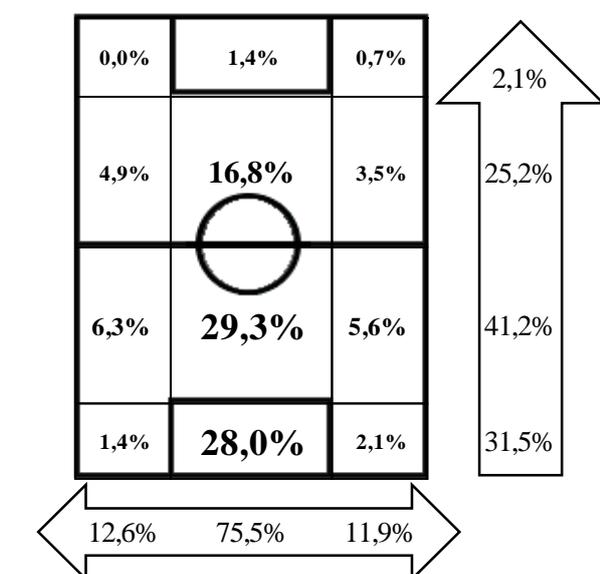
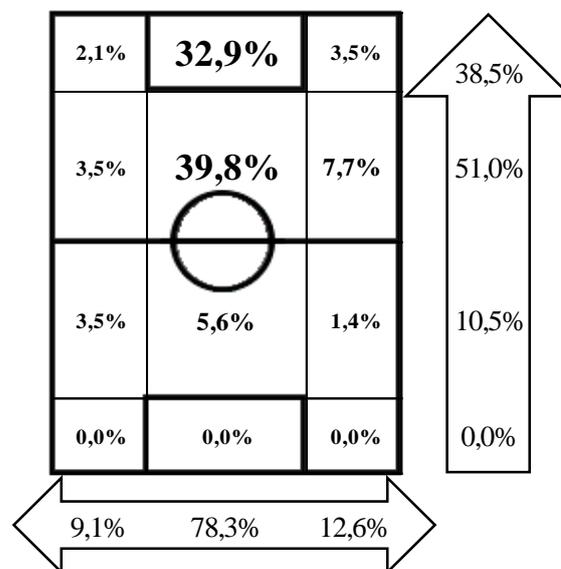


Figura 1.b. Fim por setor, corredor e zona



Local de início	Qui-Quadrado	Valor de P	Local de fim	Qui-Quadrado	Valor de P
Setor	47,52	< 0,001	Setor	36,98	< 0,001
Corredor	114,56	< 0,001	Corredor	130,50	< 0,001
Zona	149,66	< 0,001	Zona	144,88	< 0,001

Fonte: Autoria própria.

Relacionado ao desenvolvimento do contra-ataque, o número de "primeiro passe para frente" (n=122, 85%) foi significativamente maior ($X^2(2) = 173,97$; $p < 0,001$) que "primeiro passe para trás" (n=9, 6%) ou sequências que não tiveram a troca de ao menos um passe (n=12, 8%).

A distribuição espacial dos jogadores pelo campo de jogo apresentou diferença significativa entre as variáveis ($X^2(2) = 130,34$; $p < 0,001$), com maior incidência de contra-ataques realizados com 0 a 3 jogadores a frente do primeiro portador (n=112, 78%), seguido de 4 a 6 (n=17, 12%) e 7 a 10 (14, 10%), de forma a não ocupar os três corredores do campo na maioria das vezes (n=135, 94; $X^2(1) = 112,79$; $p < 0,001$).

A maior parte das ações foram realizadas com até 2 passes trocados (n=104, 73%; $X^2(1) = 29,55$; $p < 0,001$); dado que se relaciona diretamente com o número de jogadores envolvidos, com incidência

significativa ($X^2(2) = 15,79$; $p < 0,001$) de um ou dois jogadores (n=70, 49%), seguido por três (n=38, 27%) e quatro ou mais (n=35, 24%).

Além disso, na maior parte das ações a equipe não entrou no setor ofensivo com a posse de bola (n=97, 68%); quando entrou, apresentou maior número de entradas pelo corredor central (n=34, 24%; $X^2(3) = 154,76$; $p < 0,001$).

Já em relação ao fim da ação ofensiva, houve diferença significativa nas três variáveis de local de fim do contra-ataque: em relação ao setor, maior incidência de ações terminadas no setor médio ofensivo, seguido pelo setor ofensivo; o corredor central apresentou maior número de sequências terminadas; já em relação as zonas, 8 e 11 foram os locais de maior incidência de término (Figura 1.b).

Quanto a ação de fim do contra-ataque, houve diferença significativa ($X^2(9) = 113,43$; $p < 0,001$) entre os indicadores, com maior incidência de interceptação (n=46, 32%) e

desarme (n=27, 19%), seguidos de erro de ataque (n=12, 8%), falta/violação de defesa (n=11, 8%) e gol (n=9, 6%).

Em relação as ações que culminaram ou não em finalização, a maioria dos contra-ataques terminaram sem finalizar ao gol do adversário (n=114, 80% vs. n=29, 20%; $\chi^2 (1) = 50,52$; $p < 0,001$).

A variável desfecho apresentou diferença significativa entre as variáveis e permitiu observar a eficácia do contra-ataque da equipe analisada (Tabela 3).

Houve maior incidência de “Contra-atacou e perdeu sem finalizar” e “Contra-atacou e manteve sem finalizar”. Poucas ações analisadas tiveram como desfecho “Contra-atacou e fez gol”.

Tabela 3 - Dados descritivos da eficácia dos contra-ataques representada pelo desfecho.

Desfecho	n (%)	Qui-Quadrado	Valor de P
Contra-atacou e perdeu a bola sem finalizar	80 (56%)		
Contra-atacou e manteve a bola sem finalizar	34 (24%)		
Contra-atacou e perdeu a bola após finalizar	15 (10%)	132,77	< 0,001
Contra-atacou e fez gol	9 (6%)		
Contra-atacou e manteve a bola após finalizar	5 (3%)		

Por fim, foi observado diferença significativa ($\chi^2 (1) = 77,10$; $p < 0,001$) entre a incidência de contra-ataques nos jogos quando a equipe saiu como vencedora (n=124, 87%) em comparação com os jogos que saiu como perdedora (n=19, 13%).

Relativizando o número de contra-ataques por jogo, em jogos que a equipe venceu houve incidência média de 13,8 contra-ataques, já nos jogos em que a equipe foi derrotada, a incidência média foi de 6,3 contra-ataques.

DISCUSSÃO

O principal objetivo deste estudo foi caracterizar o contra-ataque de uma equipe de futebol, verificar sua eficácia e a sua incidência referente ao local do jogo, ao tempo de jogo e ao resultado momentâneo do jogo.

Os contra-ataques da equipe foram iniciados principalmente em zonas centrais do campo e, conseqüentemente, no corredor central, regiões do campo consideradas privilegiadas para a oportunidade de contra-atacar (Armatas e colaboradores, 2005).

Além disso, são iniciados principalmente nos setores defensivos (setor médio defensivo e defensivo, consecutivamente), fato que se relaciona com a maior possibilidade de contra-atacar, visto que o adversário provavelmente se encontra mais disperso quando em regiões mais ofensivas do campo, além de oferecer grande

espaço a ser explorado às costas da linha defensiva, o que dificulta a reorganização defensiva da equipe que perde a posse de bola.

Esses resultados corroboram os de outros autores, que observaram maior recuperação da bola e, conseqüentemente, mais ações ofensivas iniciadas no setor médio defensivo e defensivo e no corredor central do campo defensivo, adotando um jogo direto a partir disso (Armatas e colaboradores, 2005; Barreira, Garganta, 2006; Gimenes e colaboradores, 2013; Leitão, 2004; Maleki, Dadkhah, Alahvisi, 2016; Santos, Moraes, Costa, 2015; Sarmiento e colaboradores, 2014).

Interceptação e desarme foram as ações que mais proporcionaram o início de um contra-ataque, o que está de acordo com achados da literatura quanto as recuperações da posse de bola (Almeida, Ferreira, Volossovitch, 2014; Gimenes e colaboradores, 2013; Barreira, Garganta, 2006; Leitão, 2004).

As estratégias de recuperação com maior incidência foram, consecutivamente, “Pressão constante e recuperação no campo defensivo”, “Recuperação a partir de bola parada”, “Pressão em gatilhos e recuperação no campo defensivo” e “Pressionou e recuperou”.

Em contrapartida, as que menos ocorreram foram “Não pressionou e recuperou no campo ofensivo”, “Não pressionou e recuperou no campo defensivo” e “Não pressionou e recuperou”.

Esses resultados indicam que a equipe buscou pressionar seus adversários de forma constante ou a partir de gatilhos que estimulem a pressão, quando em fase defensiva e no momento de transição defensiva. A

inda, pressão que recuperações da bola com pressão defensiva possibilite os contra-ataques. A pressão defensiva em fase de defesa ou em transição, mostra-se como uma boa estratégia de recuperação da bola e diminui a eficácia de um chute adversário, além de oportunizar uma recuperação rápida da posse após a perda, que é um fator determinante para o desempenho defensivo (Gonzalez-Rodenas e colaboradores, 2016; Gonzalez-Rodenas e colaboradores, 2020; Vogelbein, Nopp, Hökelmann, 2014).

Além disso, houve alta incidência de contra-ataques após recuperação a partir de bola parada a favor do adversário.

Isso pode estar relacionado com o fato de as equipes alçarem bolas na área adversária em lances de bola parada, com avanço dos defensores para proveito da estatura, mas com baixa eficácia ofensiva, culminando na troca de posse e campo livre para contra-atacar (Casal e colaboradores, 2015; Dios e colaboradores, 2017; Kubayi, Larkin, 2019).

O primeiro passe após a recuperação da bola foi, na maioria das vezes, direcionado para frente, o que pode ser um preditor de contra-ataques, uma vez que a progressão em direção ao alvo se torna mais rápida com menos passes para trás (Fernández-Navarro e colaboradores, 2016).

O primeiro portador da bola teve, na maior parte dos contra-ataques, zero a três companheiros a sua frente como opção de passes, o que pode indicar o tempo necessário para sair de uma postura defensiva para uma ofensiva, assim como a preocupação da equipe para uma possível perda da posse, apresentando uma situação de organização defensiva precoce mesmo durante uma ação ofensiva.

Esse achado elucidado já abordado por Gollan, Bellenger e Norton (2020) em relação ao pequeno número de jogadores incluídos na ação, possibilitando que os jogadores não incluídos se posicionem para uma possível perda e reduz a concentração de jogadores em regiões mais adiantadas, criando espaços para os companheiros de equipe.

Houve maior incidência de contra-ataques com até dois passes trocados e com até dois e três jogadores envolvidos, demonstrando a intenção da equipe de buscar rapidamente o alvo sem trocar muitos passes para isso, contrariando o número de passes observados por Gimenes e colaboradores (2013) que encontraram predominância de ações com mais de dois passes nas ações de contra-ataques em partidas da Fifa World Cup 2006.

No entanto, apresenta relação com os resultados de Gonzalez-Rodenas e colaboradores (2016), que indicam maior frequência de contra-ataques com até três passes realizados nas partidas da US Major League Soccer 2014, e com Armatas e colaboradores (2005), que encontraram maior frequência de contra-ataques com dois ou três jogadores envolvidos.

Tais discordâncias podem ser relacionadas com o fato do presente estudo, diferente dos demais, caracterizar os contra-ataques de apenas uma equipe, de modo que o padrão comportamental desta seja diferente do encontrado a partir da análise de outras várias e de um conjunto de equipes.

Quanto a distribuição espacial dos jogadores durante o contra-ataque, eles não costumam ocupar os três corredores do campo de jogo.

As zonas centrais do campo e, consecutivamente, o corredor central, foram as regiões do campo que mais tiveram contra-ataques terminados; os setores médio ofensivo e ofensivo tiveram maior incidência de ações finalizadas, o que se assemelha ao apresentado por Leitão (2004) em relação ao local de término das ações ofensivas.

Além disso, houve maior entrada no setor ofensivo pelo corredor central. Esses resultados, atrelados com o número de passes e de jogadores envolvidos, elucidam que a equipe não busca criar espaço em amplitude, mas sim buscar espaços em profundidade em direção ao alvo o mais rápido possível.

Os contra-ataques terminaram, em maioria, com a perda da posse com interceptação ou desarme, sem gerar finalização à baliza do adversário, corroborando Barreira e Garganta (2006).

Essa pode ser uma consequência da intenção de se chegar rapidamente ao alvo, uma vez que os jogadores costumam forçar

passes mais difíceis nessas situações ou partir para duelos diretos contra os defensores, aumentando o risco de perder a bola; além disso, terminar uma ação ofensiva sem finalizar é uma característica da modalidade.

Apesar de ser menor a quantidade de contra-ataques que gerou finalização, 20% deles tiveram finalização à baliza do adversário, número acima dos encontrados por Barbosa (2009) para as sequências ofensivas terminadas em finalização (10%), denotando maior capacidade de levar perigo ao adversário.

Entretanto, contraria Barreira e Garganta (2006) que encontraram maior quantidade de finalizações a partir de um jogo posicional, mas com menor eficácia desse método.

A eficácia dos contra-ataques possibilitou identificar que os desfechos mais comuns foram referentes a ações ofensivas que não geraram finalização, seja com perda ou manutenção da posse (“contra-atacou e perdeu sem finalizar” e “contra-atacou e manteve sem finalizar”), dado que se relaciona com os encontrados por Barreira e Garganta (2006), que também acharam pouca incidência de contra-ataques terminados em finalização e/ou com perda da bola para o adversário.

Em apenas 6% das sequências analisadas, a equipe conseguiu realizar um gol. No entanto, apesar de baixa, a eficácia desse método de ataque foi maior que de outros, como relatado nos estudos de Barbosa (2009), Tenga, Ronglan e Bahr (2010), quando compararam a incidência de finalizações e de gols de contra-ataque, ataque rápido e ataque posicional/elaborado.

Além disso, há também indícios de que a velocidade da transição pode influenciar no resultado, de forma que o aumento de 1 segundo de duração das sequências ofensivas e a realização de um passe extra resultaram no decréscimo de 2% e 7%, respectivamente, na probabilidade de obter resultado positivo na finalização (Fernández-Navarro e colaboradores, 2018; Sarmiento e colaboradores, 2018), dados que reforçam a conclusão de Barreira e Garganta (2006) de maior eficácia da fase ofensiva terminada em transição.

Quanto à incidência de contra-ataques referente às variáveis contextuais, verificou-se que a equipe tende a contra-atacar com a

mesma frequência independentemente do local do jogo e do tempo de jogo, indicando que esse método de ataque provavelmente faz parte dos princípios do modelo de jogo da equipe, não alterando sua forma de atuar em relação a essas duas variáveis.

Esses achados se diferenciam de outros presentes na literatura, que encontraram que as equipes podem adotar estratégias diferentes de acordo com o local do jogo, aderindo postura mais reativa/defensiva fora de casa, mas que também sugerem que tais mudanças podem estar relacionadas com a qualidade da oposição (Fernández-Navarro e colaboradores, 2018; Gollan, Bellenger, Norton, 2020; Gómez e colaboradores, 2018; Pollard, Pollard, 2005; Tucker e colaboradores, 2005).

Além disso, vale destacar que três jogos analisados foram realizados após a pausa da competição por conta da pandemia do novo coronavírus (COVID-19), período que houve redução da vantagem em casa em relação às temporadas anteriores e em relação à primeira parte da temporada que ainda havia público (Correia-Oliveira, Andrade-Souza, 2021).

Em relação ao tempo de jogo, outros estudos notaram influência dessa variável na incidência de contra-ataques e no padrão de jogo da equipe, destacando como possíveis causas a disposição física para imprimir maior ritmo de jogo nos minutos iniciais, a substituição de atletas ao decorrer do jogo, a implementação de estratégias táticas diferenciadas, a maior ocorrência de erros motores devido a fadiga central e muscular, maior urgência do resultado no fim da partida, fazendo os times se exporem e colocarem mais jogadores no ataque, elevando o número de contra-ataques no fim das partidas (Gimenes e colaboradores, 2013; Gonzalez-Rodenas e colaboradores, 2016).

Já em relação ao resultado momentâneo, a equipe tende a contra-atacar com maior frequência em situações de empate e de vitória e com menor frequência quando está sendo derrotada.

Tal fato indica que a equipe pode mudar seu método de ataque em função do resultado momentâneo, usando do contra-ataque sobretudo em casos de empate e vitória, e em situação de derrota procura ficar

mais com a posse de bola a fim de controlar as ações do jogo.

Por outro lado, pode também evidenciar que os adversários adotavam uma postura ofensiva mais arriscada em situação de derrota, oferecendo espaços a serem explorados pelo contra-ataque.

Esse resultado corrobora com outros estudos, os quais indicam que as equipes tendem a alterar seus padrões de ataque de acordo com o resultado momentâneo, apresentam construções mais longas de suas jogadas quando estão perdendo e, na condição de vitória, há um aumento no estilo de jogo direto, contra-ataque e no ritmo de jogo (Fernández-Navarro e colaboradores, 2018; González-Ródenas, Aranda, Aranda-Malaves, 2020; Machado, Barreira, Garganta, 2014; Paixão e colaboradores, 2015).

No entanto, vale ressaltar que a equipe saiu atrás no placar em apenas três jogos, o que pode influenciar no menor número de ações nessa situação.

Na situação de empate, as duas equipes buscam ficar em vantagem no resultado, o que evidencia a necessidade de se expor e, conseqüentemente, oportuniza ações de contra-ataque ao adversário. Importa destacar que, como o jogo já se inicia em empate, provavelmente maior número de ações pode acontecer nessa situação.

Como visto, foi possível caracterizar o contra-ataque da equipe analisada, encontrando um padrão quanto a sua forma e sua incidência referente às variáveis contextuais.

Dessa forma, é possível dizer que a equipe pode resolver os problemas do jogo no plano espacial e temporal (relacionado aos problemas de utilização da bola na tentativa de ultrapassar os adversários e a construção de obstáculos para impedir o avanço dos adversários), informacional (relacionado a produção de incerteza ao adversário e certeza aos companheiros) e organizacional (relacionado com a integração do projeto coletivo na ação individual e vice-versa), uma vez que conseguirá criar incertezas ao adversário a partir de ações individuais/coletivas que respeitam um projeto coletivo da equipe (modelo de jogo), oportunizando certeza aos companheiros do que deve ser feito para ultrapassar os

adversários e atingir o objetivo principal do jogo: o gol (Gréhaigne, Guillon, 1992).

A equipe teve maior incidência de contra-ataques nos jogos que venceu em comparação com os jogos que perdeu (13,8 vs. 6,3).

Em relação aos nove gols marcados com esse método de ataque, oito foram em jogos em que a equipe saiu vencedora e um nos que foi derrotada.

O número total de gols sofridos foi de 17, enquanto os marcados, 29, sendo que 31% destes, foram marcados em contra-ataques.

Dos três confrontos que a equipe tomou um gol antes de fazê-lo, apenas em um conseguiu reverter o placar.

Este fato pode ser relacionado com os dados apresentados anteriormente, os quais mostram a menor incidência de contra-ataques nos momentos de derrota, dificultando assim, a criação de perigo ao adversário visto a maior eficácia desse método frente aos demais.

Diante disso, acreditamos que os contra-ataques foram importantes para o sucesso da equipe nos jogos analisados, assim como sair na frente do placar.

Por fim, sugere-se que pesquisas futuras investiguem, além da incidência de contra-ataques, se a forma de contra-atacar das equipes de alto nível é afetada pelas variáveis contextuais, a fim de implementar no processo de treino diferentes formas de gerir o tempo e o espaço para tirar vantagem da desorganização do adversário e, em contrapartida, se defender das ações do oponente a depender do contexto momentâneo do jogo.

CONCLUSÃO

O presente estudo teve o objetivo de caracterizar o contra-ataque de uma equipe de futebol, verificar sua eficácia e a sua incidência referente ao local do jogo, ao tempo de jogo e ao resultado momentâneo do jogo.

Em suma, pode-se dizer que a equipe iniciou seus contra-ataques prioritariamente nos setores médio defensivo e defensivo e no corredor central, adotando uma estratégia defensiva de "Pressão constante e recuperação no campo defensivo", "Recuperação a partir de bola parada" e "Pressão em gatilhos e recuperação no campo defensivo", com

recuperação direta através da interceptação e desarme.

O primeiro passe após a recuperação tende a ser direcionado para frente, o primeiro portador da bola costuma ter até três jogadores a frente como opção de passe, a equipe progride com até dois passes e com envolvimento direto de até dois jogadores, que buscam criar espaço em profundidade em direção ao gol do adversário e não em amplitude, de modo que a ocupação dos três corredores do campo não é feita e a entrada no setor ofensivo é, sobretudo, pelo corredor central.

Grande parte dos contra-ataques terminam com interceptação e desarme, principalmente nos setores médio ofensivo e ofensivo, sobretudo no corredor central, e geraram finalização em 20% das ações analisadas.

A eficácia dos contra-ataques foi de 6% na obtenção de gols, com maior incidência de desfechos que não tiveram finalização.

Quanto às variáveis contextuais, a equipe não apresentou diferença na incidência de contra-ataques em relação ao local de jogo e ao tempo de jogo, indicando que o contra-ataque faz parte dos princípios do modelo de jogo dessa equipe.

Já em relação ao resultado momentâneo, houve mais ações na situação de empate e vitória, consecutivamente.

Ademais, a equipe teve mais contra-ataques nas partidas que venceu em comparação com as partidas que perdeu, apresentando o dobro de ações por jogo.

Além disso, 31% dos gols da equipe nos jogos analisados foram marcados em contra-ataques, sendo nove deles em jogos que vendeu e apenas um em partidas que saiu derrotada.

Dessa forma, acreditamos que os contra-ataques foram importantes para o sucesso da equipe nos jogos analisados.

Visto a eficácia do contra-ataque e sua importância para o sucesso esportivo de uma equipe de alto nível, outras equipes podem focar no aprimoramento desse método ofensivo durante o processo de treino, a fim de explorá-la no contexto de jogo e potencializar a vantagem frente a desorganização defensiva adversária no momento da recuperação da bola.

Destaca-se a regularidade da equipe em relação ao local de jogo e ao tempo de jogo, elucidando que manter a forma de jogar frente a essas variáveis pode ser uma característica de equipes de sucesso.

A variação das estratégias de jogo em relação ao resultado momentâneo indica que equipes de alto nível podem alterar sua forma de jogar a depender do placar.

Portanto, sugere-se que o processo de treino vise modelar o comportamento da equipe de forma que ele não se altere independentemente do local de jogo e do tempo de jogo, mas que possa variar em relação ao resultado momentâneo do jogo para que a equipe obtenha alguma vantagem frente ao oponente, de modo a assegurar uma vitória ou reverter um placar adverso.

REFERÊNCIAS

- 1-Almeida, C. H.; Ferreira, A. P.; Volossovitch, A. Effects of match location, match status and quality of opposition on regaining possession in UEFA champions league. *Journal of Human Kinetics*. Vol. 41. Núm. 1. p. 203-214. 2014.
- 2-Amieiro, N. M. B. Defesa a zona no Futebol: A (Des) Frankensteinização de um conceito. Uma necessidade face à inteireza inquebrantável que o jogar deve manifestar. Porto. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação física da Universidade do Porto. 2004. p. 367.
- 3-Anguera, M. T.; e colaboradores. La metodología observacional en el deporte: conceptos básicos. *Lecturas: EF y Deportes. Revista Digital*. Vol. 24. Núm. 5. p. 63-82. 2000.
- 4-Anguera, M. T.; Mendo, A. H. La metodología observacional en el ámbito del deporte. *Revista de Ciencias del Deporte*. Vol. 9. Núm. 3. p.135-160. 2013.
- 5-Armatas, V.; e colaboradores. Analysis of the Successful Counter-Attacks in High-Standard Soccer Games. *Inquiries In Sport & Physical Education, Thessalonik*. Vol. 3. Núm. 2. p. 187-195. 2005.
- 6-Barbosa, P. F. A. F. A eficácia do processo ofensivo em futebol. Estudo comparativo das equipes classificadas nos primeiros e segundo

lugares das ligas nacionais de Espanha, Inglaterra e Portugal, em 2008/09. TCC Curso de Desporto e Educação Física. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Porto. 2009.

7-Barreira, D.; Garganta, J. Padrão sequencial da transição defesa-ataque em jogos de Futebol do Campeonato Português 2004/2005. 1º Congresso Internacional de Jogos Desportivos: Olhares e Contextos da Performance da iniciação ao rendimento. 2006.

8-Bayer, C. O ensino dos desportos colectivos. Dinalivro. 1994. 252 p.

9-Casal, C. A.; e colaboradores. Analysis of Corner Kick Success in Elite Football. International Journal of Performance Analysis In Sport. Vol. 15. Núm. 2. p. 430-451. 2015.

10-Clemente, F. M.; e colaboradores. Análise de jogo no Futebol: Métricas de avaliação do comportamento coletivo. Motricidade. Vol. 10. Núm. 1. p. 14-26. 2014.

11-Correia-Oliveira, C. R; Andrade-Souza, V. A. Home advantage in soccer after the break due to COVID-19 pandemic: does crowd support matter? International Journal of Sport and Exercise Psychology. p. 1-12. 2021.

12-Dios, R. M.; e colaboradores. Análisis multivariante en las faltas indirectas de la FIFA World Cup 2014. Anales de Psicología. Vol. 33. Núm. 3. p. 461. 2017.

13-Fernández-Navarro, J.; e colaboradores. Attacking and defensive styles of play in soccer: analysis of spanish and english elite teams. Journal of Sports Sciences. Vol. 34. Núm. 24. p. 2195-2204. 2016.
<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27052355/>

14-Fernández-Navarro, J.; e colaboradores. Influence of contextual variables on styles of play in soccer. International Journal of Performance Analysis in Sport. Vol. 18. Núm. 3. p. 423-436. 2018.

15-Garganta, J. Modelação táctica do jogo de futebol: Estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento. Tese Doutorado em Ciências do Desporto.

Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Porto. 1997.

16-Garganta, J. O ensino dos jogos desportivos colectivos. Perspectivas e tendências. Movimento. Núm. 8. 1998. p. 19-27.

17-Garganta, J; Pinto, J. O ensino do futebol. In: Graça, A; Oliveira, J. O Ensino dos Jogos Desportivos. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto. 1998. p. 95-135.

18-Garganta, J.; e colaboradores. Fundamentos e práticas para o ensino e treino do futebol. In: Tavares, F. Jogos Desportivos Coletivos: Ensinar a Jogar. 2ª edição. Porto. Editora FADEUP. 2015. p. 199-263.

19-Gimenes, S.; e colaboradores. Modelação das ações de contra-ataque em partidas da FIFA World Cup 2006. Revista Brasileira de Futsal e Futebol. São Paulo. Vol. 5. Núm. 15. p. 3-14. 2013.

20-Gollan, S.; Bellenger, C.; Norton, K. Contextual factors impact styles of play in the English premier league. Journal of Sports Science and Medicine. Vol. 19. Núm. 1. p. 78-83. 2020.
<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7039037/>

21-Gómez, M. Á.; e colaboradores. Analysis of playing styles according to team quality and match location in Greek professional soccer. International Journal of Performance Analysis in Sport. Vol. 18. Núm. 6. p. 986-997. 2018.

22-González, F; Darido, S; Oliveira, A. A. B. Esportes de invasão: basquetebol, futebol, futsal, handebol, ultimate frisbee. 2ª edição. Eduem. 2017. 530 p.

23-Gonzalez-Rodenas, J.; e colaboradores. Association between playing tactics and creating scoring opportunities in counterattacks from United States Major League Soccer games. International Journal of Performance Analysis in Sport. Vol. 16. Núm. 2. p. 737-75. 2016.

24-Gonzalez-Rodenas, J.; e colaboradores. Combined effects of tactical, technical and

contextual factors on shooting effectiveness in European professional soccer. *International Journal of Performance Analysis in Sport*. Vol. 20. Núm. 2. p. 280-293. 2020.

25-González-Ródenas, J.; Aranda, R.; Aranda-Malaves, R. The effect of contextual variables on the attacking style of play in professional soccer. *Journal of Human Sport and Exercise*. Vol. 16. Núm. 2. p. 1-12. 2020.

26-Gréhaigne, J. F.; Guillon, R. L'utilisation des Jeux d'opposition a l'école. *Revue de L'éducation Physique*. Vol. 32. Núm. 2. p. 51-67. 1992.

27-Kubayi, A.; Larkin, P. Analysis of teams' corner kicks defensive strategies at the FIFA World Cup 2018. *International Journal of Performance Analysis in Sport*. Vol. 19. Núm. 5. p. 809-819. 2019.

28-Leitão, R. A. A. Futebol - Análises qualitativas e quantitativas para verificação e modulação de padrões e sistemas complexos de jogo. *Dissertação de Mestrado*. Educação Física, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2004.

29-Machado, J. C.; Barreira, D.; Garganta, J. The influence of match status on attacking patterns of play in elite soccer teams. *Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano*. Vol. 16. Núm. 5. p. 545-554. 2014.

30-Maleki, M.; Dadkhah, K.; Alahvisi, F. Ball Recovery Consistency as a Performance Indicator in Elite Soccer. *Brazilian Journal of Kinanthropometry and Human Performance*. Vol. 18. Núm. 1. p. 72. 2016.

31-Marcelino, R.; Sampaio, J.; Mesquita, I. Investigação centrada na análise do jogo: da modelação estática à modelação dinâmica. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*. Vol. 11. Núm. 1. p. 125-152. 2011.

32-McGarry, T. Applied and theoretical perspectives of performance analysis in sport: Scientific issues and challenges. *International Journal of Performance Analysis in Sport*. Vol. 9. Núm. 1. p. 128-140. 2009.

33-Paixão, P.; e colaboradores. How does match status affects the passing sequences of top-level European soccer teams? *International Journal of Performance Analysis in Sport*. Vol. 15. Núm. 1. p. 229-240. 2015.

34-Pollard, R.; Pollard, G. Home advantage in soccer. A review of its existence and causes. *International Journal of Soccer and Science*. Vol. 3. Núm. 1. p. 28-38. 2005.

35-Santos, R. M. M.; Moraes, E. L.; Costa, I. T. Análise de padrões de transição ofensiva da Seleção Espanhola de Futebol na Copa do Mundo FIFA® 2010. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. Vol. 29. Núm. 1. p. 119-126. 2015.

36-Sarmento, H.; e colaboradores. Patterns of play in the counterattack of elite football teams - A mixed method approach. *International Journal of Performance Analysis in Sport*. Vol. 14. Núm. 2. p. 411-427. 2014.

37-Sarmento, H.; e colaboradores. Influence of Tactical and Situational Variables on Offensive Sequences During Elite Football Matches. *Journal of Strength and Conditioning Research*. Vol. 32. Núm. 8. p. 2331-2339. 2018.

38-Tenga, A.; Ronglan, L. T.; Bahr, R. Measuring the effectiveness of offensive match-play in professional soccer. *European Journal of Sport Science*. Vol. 10. Núm. 4. p. 269-277. 2010.

39-Thiengo, C. Glossário do futebol brasileiro: termos e conceitos relacionados às dimensões técnica e tática. 2ª edição. Rio de Janeiro: Cbf Academy. 2020. 66 p.

40-Tucker, W.; e colaboradores. Game Location Effects in Professional Soccer: A Case Study. *International Journal of Performance Analysis in Sport*. Vol. 5. Núm. 2. p. 23-35. 2005.

41-Turner, B. J.; Sayers, M. G. L. The influence of transition speed on event outcomes in a high-performance football team. *International Journal of Performance Analysis in Sport*. Vol. 10. Núm. 3. p. 207-220. 2010.

42-Vogelbein, M.; Nopp, S.; Hökelmann, A. Defensive transition in soccer - are prompt possession regains a measure of success? A quantitative analysis of German Fußball-Bundesliga 2010/2011. Journal of Sports Sciences. Vol. 32. Núm. 11. p.1076-1083. 2014. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24506111/>

43-Wright, C.; Carling, C.; Collins, D. The wider context of performance analysis and its application in the football coaching process. International Journal of Performance Analysis in Sport. Vol. 14. Núm. 3. p. 709-733. 2014.

Autor para correspondência:

Márcio Pereira Morato.

mpmorato@usp.br

Av. Bandeirantes, 3900.

Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil.

CEP: 14040-907.

Recebido para publicação em 27/05/2022

Aceito em 30/07/2022